

MARÍLIA GABRIELLA RIBEIRO PERES

**MINHA RELAÇÃO COM O PSICODRAMA: UM MERGULHO NO
MEU “SER”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em
Psicodrama (Nível 1), da Casa do Encontro –
Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama
de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação

Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco socioeducativo.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

**FRANCA / SP
2019**

MARÍLIA GABRIELLA RIBEIRO PERES

**MINHA RELAÇÃO COM O PSICODRAMA: UM MERGULHO NO
MEU “SER”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 1), da Casa do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco socioeducativo.

Franca, 02 de julho de 2019.

Orientadora: _____

Nome: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinador (a): _____

Nome:

Instituição:

Examinador (a): _____

Nome:

Instituição:

RESUMO

Este trabalho, intitulado *Minha relação com o psicodrama: um mergulho no meu “ser”*, tem como objetivo narrar e descrever as contribuições da formação em psicodrama, tanto no que se refere às investigações pessoais quanto no que diz respeito aos processos do grupo e desdobramentos profissionais. Destarte, cabe salientar que os conceitos teóricos foram chegando devagar, entrelaçando-se às experiências vividas, de forma a nos possibilitar, naturalmente e sem esforço, a nomeação de fenômenos, a sua compreensão e a transformação dos mesmos em ferramentas a favor da vida, viabilizando o autoconhecimento, o Encontro e o estabelecimento de vínculos que favorecem a rematização de experiências fundamentais. Para tanto, recorreremos aos postulados de Jacobe Levi Moreno, os quais elucidam, teoricamente, a trajetória percorrida, em busca de auxiliar a compreensão da minha identidade e os lugares possíveis de pertencimento, e às ideias de Maria Alicia Romaña, em sua obra *Pedagogia Psicodramática*, as quais possibilitam a transposição da filosofia moreniana para o âmbito pedagógico, que consiste no meu campo de atuação profissional e que, por este mister, é alvo de minhas constantes reflexões.

Palavras-chave: Formação em Psicodrama; identidade; lugares de pertencimento; Pedagogia Psicodramática.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1 O QUEBRA CABEÇA, O MEU FIO CONDUTOR	
2 O CONVITE DO PSICODRAMA PARA O DESENVOLVIMENTO DO MEU SER	
3 UMA VIVÊNCIA SOCIODRAMÁTICA	
4 OUTRAS REFLEXÕES	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho caracteriza, mais objetivamente, a etapa final da formação em Psicodrama, nível 1, marcando não somente o fechamento de um ciclo individual, mas, sobretudo, o encerramento de um processo grupal de desenvolvimento, cuja lógica regente é teorizar a partir do vivido e não o contrário.

Neste sentido, é lícito ponderar que as linhas que se seguem não serão norteadas integralmente por diretriz cartesiana, posto que a abordagem psicodramática revela suas mais fecundas contribuições no transbordar das subjetividades, no desvendar dos dramas e tramas que permeiam a vida humana.

E, justamente por esse fundamento do Psicodrama - que tem como cerne o sujeito enquanto “ser” em busca de si mesmo, busca esta a qual se dá nas relações humanas, na troca, no colocar-se no lugar do outro, no ver-se no outro – é que aceitei o “convite” para mergulhar nessa experiência com vistas a tentar encontrar respostas para minhas questões existenciais: “Qual o meu lugar no mundo?”, “Quais os laços e espaços que me permitem ‘ser’”? Ou seja, o objetivo geral desta pesquisa é descobrir a minha identidade nos espaços que habito e com os indivíduos que fazem parte da minha rede sociométrica, recorrendo,

para alcançar essa resposta, à prática do Psicodrama e às teorias preconizadas por esta formação, as quais conduzem o indivíduo ao encontro de si mesmo.

Logo, ressalto que esses dois questionamentos fulcrais para a constituição da minha identidade, além de me conduzirem rumo à experiência psicodramática, acabaram por configurarem-se o objetivo geral deste trabalho, de cunho mais psicológico-empírico do que teórico-acadêmico. Por isso, embora a recorrência a reflexões, conceitos, postulados teóricos entremeiem o dizer, este se destaca pelo irrompimento de sensações, emoções e sentimentos, que, durante toda a formação, fizeram-se presentes, às vezes, até de forma nevrálgica.

Contudo, para se atingir o destino final, que se configura pelo encontro da identidade, é preciso, antes, percorrerem-se caminhos que vão, aos poucos, delineando o trajeto a ser seguido, trajeto este ora linear ora cheio de curvas, ora plano ora cheio de ‘buracos’, sendo que, às vezes, faz desvios, sinalizando que a viagem para o lugar pretendido pode reservar surpresas...

Esses caminhos com desvios, paradas, obstáculos, imagens alegres e tristes pelos quais fui sendo conduzida foram me apontando os destinos intermediários, nos quais eu deveria fazer uma parada, pois, nesses momentos, eu precisava observar onde me encontrava, atentando para todos os detalhes, desde os mais expoentes até os mais intrínsecos... Essas experiências eram indispensáveis para a aquisição e assimilação de conhecimentos necessários para o reconhecimento do destino final quando o atingisse. Assim, percebi que, a fim de que eu descobrisse meu lugar no mundo, eu precisaria trilhar, antes, caminhos que me mostrassem de onde eu parti, para onde, como e com quem estava caminhando, isto é, quais metas eu tinha que atingir, no meio do caminho, para que eu pudesse alcançar a meta final. Eis que essas metas constituem-se os objetivos específicos, quais sejam:

- revisitar, através das lembranças e narrativas do meu primeiro ego-auxiliar (minha mãe), fatos, passagens e vivências da minha primeira infância;
- introjetar sensações, sentimentos, emoções de minha vida adulta e extrojetá-los junto ao grupo ;
- conduzir a introjeção e a extrojeção de sentimentos, sensações e emoções.

Em termos teórico-formais, tais objetivos podem ser descritos da seguinte forma:

- apresentar o meu trajeto existencial, aplicando o método axiodramático de investigação de questões existenciais;

- transitar nos papéis de aprendiz e de psicodramatista consciente, a partir do desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade;
- dirigir vivência sociodramática.

Isso posto, para a confecção do primeiro capítulo – intitulado “O quebra-cabeça, o meu fio condutor” e de tipo narrativo-descritivo, configurado pelo método do Axiograma, amparo-me em conceitos, reflexões, postulados de Moreno, tais como, Matriz de Identidade, átomo social, ego-auxiliar, identidade e identificação, Revolução Criadora, resistência, papéis sociais e psicodramáticos, espontaneidade, Primeiro e Segundo Universo.

Nesse capítulo, rememoro, através das lembranças de minha mãe (meu primeiro ego-auxiliar), minha trajetória existencial, focando na minha primeira infância, visto que esta fase foi marcada por uma série de acontecimentos que trariam, para as etapas posteriores de desenvolvimento psíquico-emocional (adolescência e vida adulta), uma série de mudanças que exigiriam de mim e dos que estavam a minha volta adaptações, redescobertas, questionamentos... Esses questionamentos foram tomando moldes mais bem definidos, quando, já adulta e tendo me formado em Pedagogia, envolvi-me por um sentimento profundo de buscar mudanças para a educação básica, tal minha paixão por essa área de atuação, e de desejo de que minha existência no mundo fizesse alguma diferença no sentido de atuar para o bem, para fazer a minha parte nesta vida.

Entretanto, ainda me deparava com tantos sentimentos encrustados em lugares inacessíveis do meu ser, tantas questões sem respostas, sendo que duas delas nunca se calavam: “Qual o meu lugar no mundo?”, “Quais os laços e espaços que me permitem ser?”. Enfim, qual é a minha verdadeira identidade?

E foi nesse momento da minha vida que me deparei com o convite para o exercício de pensar psicodramaticamente, que se traduz pelo ato de compartilhar experiências e aprendizagens, conceitos e expectativas, pelo esforço de condensação, no qual extrapolamos a superfície das narrativas comuns, mas não conseguimos contemplar a profundidade do caminho percorrido, já que esta apreensão, este olhar de dentro, exige, essencialmente, o mergulho, a entrega, o desejo real e destemido de encontrar-se consigo mesmo, recorrendo, para tanto, à espontaneidade, à criatividade e à sensibilidade, os quais são recursos inatos do homem conforme perspectiva de Moreno (ALMEIDA, 1988, p. 45).

Eis, então, que aceitei “O convite do Psicodrama para o desenvolvimento do meu Ser” – aliás, esse é o título do segundo capítulo.

Para a elaboração desta parte, entrementes à narrativa, lanço mão de conceitos morenianos, tais como: papéis, rede sociométrica, espontaneidade, espelho, papel de psicodramatista.

Nesse momento do trabalho, não só relato as experiências pelas quais passei, as quais compartilhei com o grupo de formação psicodramática e que compartilhamos uns com os outros, mas e, sobretudo, deixo aflorar todas as sensações, emoções, sentimentos das experiências vividas, numa escrita verdadeiramente catártica, em que pude devassar minha alma para mim mesma, identificando, sentindo, ressentindo, explorando até a exaustão todos os processos internos pelos quais passamos. E, utilizando tantas ferramentas que o Psicodrama nos oferece, consegui fazer a árdua, porém, gratificante travessia do papel de aprendiz para o lugar de psicodramatista consciente, um lugar que nos traz conforto diante das dificuldades, pois temos uns aos outros e descobrimos que temos a nós mesmos, ou seja, nessa etapa do processo, já somos capazes de “Ser” um pouco mais.

No capítulo terceiro, “Uma vivência sociodramática”, faço um roteiro detalhado dos acontecimentos experienciados por mim e pelos participantes da vivência. Essa etapa final da formação em Psicodrama foi um desafio enorme! Mas o momento havia chegado e não havia como fugir dele: era hora de ir para o “palco da vida”, onde as dores dos colegas seriam emergidas, exploradas e rematizadas pela e na dramatização, mediante instrumentos psicodramáticos, assumindo, eu, o papel de diretora.

A narrativa-descritiva é permeada por conceituações pertinentes à área psicodramática – Sociodrama, processo de construção de identidade, convite, espontaneidade, papéis de diretor e de ego-auxiliar, catarse, empatia, vivência, aquecimento específico, solilóquio, Sociometria, tele, duplo, compartilhar... Todos esses conceitos, que respaldam meus dizeres, são explicitados no próprio texto ou em nota de rodapé. Contudo, faz-se mister elucidar, neste espaço, o passo a passo da metodologia empregada nessa vivência, posto que - por ser a etapa final de um longo processo em que fui me constituindo como sujeito, como “Ser”- devo deixar evidentes os métodos empregados na prática, as etapas da vivência, os instrumentos e as técnicas utilizados, no intuito de convalidar e consolidar o que ‘aprendemos e apreendemos’ na formação.

Sendo assim, valem estes esclarecimentos:

- O método empregado foi o Sociodrama.
- O contexto da prática psicodramática escolhido foi o grupal, que

É constituído pela realidade grupal tal “como é”; pelo tempo cronológico dentro de um intervalo previamente estabelecido e combinado, e pelo espaço concreto, que pode ser escolhido e delimitado.

Esse contexto, em seu aspecto virtual (realidade grupal), de certo modo está contido no grupo, que o forma a partir de situações definidas e objetivos específicos.

(...)

Os terapeutas (diretor e egos-auxiliares) e demais participantes constituem os elementos componentes do grupo e são eles que, em suas interações, compõem a trama do contexto grupal. Cada sujeito traz o seu átomo social para o grupo, conjugando-o com sua rede sociométrica.

No contexto grupal é que se propõe e se delineia o trabalho da sessão. (ALMEIDA, 1988, p. 97-98).

- Os instrumentos do Psicodrama, que são os meios empregados para executar o método e as técnicas psicodramáticas, utilizados foram: o cenário, o protagonista, o diretor e o ego-auxiliar. Esses dois últimos foram definidos no transcorrer do capítulo terceiro; portanto, faz-se necessário explicar, ainda, os dois primeiros.

“Cenário é um espaço multidimensional e móvel onde ocorre a ação dramática, ‘projetado de acordo com as necessidades terapêuticas’. Na prática, a decoração do ambiente é mais constituída por convenções estabelecidas entre o diretor e o protagonista (...)” (ALMEIDA, 1988, p. 99).

“Protagonista: (...) Dá-se nome ao sujeito que emerge para a ação dramática, simbolizando os sentimentos comuns que permeiam o grupo, recebendo por parte deste aquiescência para representá-lo, a partir da dinâmica sociométrica.” (ALMEIDA, 1988, p.100).

- As etapas trabalhadas foram o aquecimento inespecífico, aquecimento específico, a dramatização e o compartilhar.

Tendo feito essa síntese metodológica da vivência, sinto-me estimulada a dizer que todas as experiências vividas com intensidade por cada um dos componentes do grupo, de sentimentos e emoções compartilhados, de afetos trocados, de ombros doados me trouxeram paz, conforto, e a certeza de que realmente é nas relações com o outro que nos construímos, que nos identificamos, que nos descobrimos, que nos fazemos, e finalmente, que ‘Somos’.

Essas falas podem se apoiar nas reflexões de Moreno, para quem o indivíduo é um ser social, já que nasce em sociedade e precisa de outras pessoas para sobreviver, estando apto para a convivência com os demais. Desse modo, “toda a teoria moreniana parte dessa ideia do Homem em relação, e, portanto, a inter-relação entre as pessoas constitui seu eixo fundamental” (ALMEIDA, 1988, p.41).

O fato é que, depois de todas as vivências pelas quais meus colegas e eu passamos, por todos os acontecimentos vivenciados, por todas as experiências sentidas, compartilhadas pelo despertar, afloramento e desenvolvimento da espontaneidade, da criatividade e da sensibilidade, cheguei ao final dessa trajetória amadurecida, feliz, tranquila e segura para dizer que desvendi uma parte importante do meu “eu”, encontrei no mundo não um mas vários espaços de pertencimento, e esse encontro me conduziu a ao espaço onde me identifico de maneira plena, onde desejo me realizar enquanto aquele que faz algo para o ‘mundo’: o espaço escolar.

Destarte, um próximo passo foi dado, graças às experiências adquiridas com as práticas vivenciadas: a decisão de levar o psicodrama pedagógico para as salas de aula. Desse modo, surge o quarto e último capítulo deste trabalho – “Outras reflexões”, porém o primeiro de muitos outros que pretendo escrever numa nova etapa de vida que se inicia, pois a vida se renova a cada dia, assim como nós mesmos...

Nessas reflexões, tive contato com a obra “Psicodrama Pedagógico”, de Maria Alícia Romaña, que me inspirou com ideias para aplicar em salas de aula (principalmente do Ensino Fundamental I), visando ao aprimoramento da qualidade do “ser professor-educador”, de modo que ele possa ressignificar suas relações com o conhecimento, com o outro – o aluno, com as singularidades e potencialidades de cada um e com ele mesmo, enquanto ‘Ser’ em constante evolução, em constante processo de construção.

Logo, tendo em vista essas reflexões ponderadas sucintamente no quarto capítulo, reflexões que também foram suscitadas a partir da minha vivência como aluna de uma escola construtivista, realizo, no quarto capítulo, o levantamento de técnicas do Psicodrama Pedagógico, sugeridas por Romaña (1987), as quais contribuiriam para o desenvolvimento social, cultural, cognitivo e emocional dos discentes, visto que a “aprendizagem vivencial passa a fazer parte da própria pessoa, de sua bagagem de experiências” (1987, p. 89), diferenciando-a da aprendizagem exclusivamente racional.

Assim, os discentes se envolveriam mais com os professores, com os colegas, consigo mesmos, com as realidades internas e externas dos espaços onde vivem e das pessoas com quem convivem, com as práticas de socialização propostas nas escolas, enfim, com todo o contexto que permite a descoberta da sua identidade e, conseqüentemente, dos valores, pensamentos, ideias, pessoas com que se identificam. Dessa forma, o ambiente escolar se torna um espaço salutar e propício para que as potencialidades de cada um afluam e para que suas diferenças sejam respeitadas.

Finalmente, após esse último capítulo, apresento as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

1 O QUEBRA CABEÇA, O MEU FIO CONDUTOR

Rememorando minha trajetória existencial, esbarramos inevitavelmente no conceito fundamental de Matriz, ou *locus nascendi*, delineado por Jacobo Levi Moreno, no bojo de suas fecundas contribuições. Para este autor, quando a criança nasce, ela já é inserida “num conjunto de relações, constituído em primeiro lugar por sua mãe (que é seu primeiro ego-auxiliar)¹, seu pai, irmãos, avós, tios etc.; a este conjunto Moreno chamou de Matriz de Identidade” (ALMEIDA, 1988, p.41). Neste sentido, é interessante perceber que a teia de alguns dramas começa a ser tecida no berço e nos acompanha por toda a vida, delineando as lutas e os desertos do crescer... O fato é que cresci depressa demais... Antes que eu pudesse dar os primeiros passos, fazer as primeiras estripulias de criança, antes de desvendar os primeiros sons, encadear as primeiras ideias e comunicá-las ao mundo, antes de desfrutar os sabores da infância, a morte veio me visitar, permanecendo à espreita... Não veio para me levar repentinamente, mas para ser vista... e ali permaneceu

¹ O ego-auxiliar funciona como o “eu” que auxilia o outro “eu” a se reconhecer no mundo.

reticente, observadora, prorrogando a penumbra do incerto, até que os meus pais a pudessem transpor dentro de si...

Era um dia como outro qualquer, no qual, depois da rotina habitual de cuidados, minha mãe me colocara para dormir, com o zelo próprio daquela que experencia este papel pela primeira vez. Vale reiterar, aqui, que, nessa fase de cuidados com a criança, a mãe e o infante são co-criadores dos papéis que assumem. E, consoante Moreno (*apud* ALMEIDA, 1988, p. 70), “o resultado dessa interação é que se estabelece, gradualmente, uma certa e recíproca expectativa de papéis nos parceiros do processo. Essa expectativa de papéis cria as bases para todo o intercâmbio futuro de papéis entre a criança e os egos-auxiliares.” Entretanto, o que aconteceu no dia seguinte pareceu um fator que romperia, inesperada e prematuramente, essa dinâmica de papéis, esse laço que estava sendo construído, pois não despertei... Uma espécie de sonolência, de torpor dos sentidos, me mantinham em um estado de semiconsciência, o qual demarcava o início de uma difícil travessia ainda não compreendida.

Diante deste quadro, minha mãe, pessoa de maior proximidade comigo e que representava, naquela fase da minha infância, o núcleo do átomo social² em que eu vivia até aquele momento, imediatamente buscou os cuidados médicos, levando-me ao pediatra, que, na precisão do seu diagnóstico, identificou uma hidrocefalia, cuja causa não era possível averiguar, pois Franca, na época, não dispunha ainda dos equipamentos necessários.

Todavia, para que eu pudesse chegar com vida a Ribeirão Preto, providência urgente e vital foi necessária: realizar, por meio da moleira, uma punção do líquido encéfalo raquidiano, que se acumulava na cabeça. Posteriormente, com tubos de oxigênio, seguimos para Ribeirão Preto e, lá chegando, todos os exames foram realizados, identificando-se um tumor na glândula pineal... Os médicos ficaram surpresos, pois, em suas trajetórias profissionais, nunca haviam visto um tumor naquele local de tão difícil acesso cirúrgico... Se operasse, incontáveis seriam as sequelas... e se a intervenção não fosse realizada, a fragilidade da vida estava igualmente ameaçada e sucumbiria inevitavelmente ante a gravidade do problema... Estava decretada ali a minha sentença de morte... a única medida que poderia ser tomada, visando prorrogar por alguns dias a

² Conforme Moreno (*apud* ALMEIDA, 1988, p. 65), “átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento”, compreendendo, em sua origem, a mãe e o filho e, com o passar do tempo, toma amplitude, de forma a abarcar todas as pessoas que entram no círculo da criança e que lhe parecem agradáveis ou desagradáveis e com quem ela é agradável ou desagradável, reciprocamente.

despedida, era a colocação de uma válvula, para impedir novo acúmulo de líquido no crânio. E assim foi feito.

A criança que, até aquele momento, com um ano e nove meses, nunca tinha sofrido nenhum arranhão, por ser objeto dos mais desvelados cuidados maternos, tinha agora sua cabeça raspada para a colocação da válvula e impressão das suas primeiras cicatrizes. A minha mãe conta que, após a cirurgia, eu não era a mesma criança com a qual ela havia chegado no hospital horas antes...

Retomando o conceito de Matriz de Identidade, formulado por Moreno, neste momento, cabe acrescentar outros detalhamentos elaborados pelo psiquiatra-filósofo, como o fato de que essa Matriz, definida como o lugar (*locus*) onde a criança se insere desde o nascimento, como o primeiro lugar com cujos objetos e pessoas a criança se relaciona, constitui-se um primeiro mundo de contato, denominado *Primeiro Universo*. (ALMEIDA, 1988, p. 60). Nesse sentido, Moreno conceitua ainda o *Segundo Universo*, no qual a criança entra a partir dos sete anos e que é marcado por um “brecha” entre fantasia e realidade. A ‘brecha’ abre espaço para que fantasia e realidade comecem a se separar, desenvolvendo, no indivíduo, “dois novos conjuntos de papéis: sociais e psicodramáticos relacionados, o primeiro, a um mundo social, e, o outro, a um mundo de fantasia” (MORENO *apud* Almeida, 1988, p. 61). Minha mãe percebeu, em meus olhos anuviados, que eu transpassara aquela brecha, dado que a maturidade decorrente da experiência vivida talvez tenha me possibilitado acessar precocemente, em algum nível, o Segundo Universo.. Não era mais a mesma, dado que a distinção entre fantasia e realidade já se fazia presente

Nessa nova fase, imposta de forma abrupta e peremptória, uma nova adaptação foi necessária, a assunção de novos papéis se fez forçosamente necessária... Indícios de rejeição se mesclavam ao esforço de aceitação da nova realidade... Nas palavras da minha mãe, eu havia crescido... Segundo Moreno (*apud* ALMEIDA, 1988, p. 71), “A função da realidade opera mediante interpolações de resistências que não são introduzidas pela criança, mas que lhe são impostas por outras pessoas, suas relações, coisas e distâncias no espaço, e atos e distâncias no tempo.” Neste sentido, aquela experiência me trouxera uma maturidade precoce, estabelecendo uma distância considerável entre o meu ritmo interno, meu jeito de olhar e sentir a vida e as descobertas espontâneas e encadeadas da infância, efeitos que eu só entenderia, verdadeiramente, um pouco mais tarde...

Interseccionando o supramencionado a reflexões de Moreno, nota-se, nas minhas experiências, que realmente “O homem nasce espontâneo e deixa de sê-lo devido a fatores

adversos do meio ambiente. Os obstáculos no desenvolvimento da *espontaneidade* encontram-se tanto no ambiente afetivo-emocional, que o grupo humano mais próximo estabelece com a criança (*Matriz de Identidade e átomo social*), quanto no sistema em que a família se insere (*rede sociométrica*³ e social)". (MORENO *apud* ALMEIDA, 1988, p.46).

Os desdobramentos dessa história, de lá aos dias de hoje, talvez extrapolem os limites deste trabalho, uma vez que, tendo conhecido os limites concretos da ciência, minha trajetória de cura se consuma na transcendência da fé e das intervenções espirituais no campo da matéria... E, ao transpor, na esfera do entendimento, a tênue fronteira entre os dois planos da existência, a vida segue, me desafiando a conviver com as singularidades do meu próprio ser e caminho, que sempre se orientou, por vias paralelas ao senso comum, na busca por um lugar de efetivo pertencimento, sobretudo porque, além de todas as experiências já descritas, aos cinco de idade, no retorno de uma cirurgia de substituição da válvula que havia se desconectado, despertei com visão parcial, nomeada pelos médicos de visão subnormal, reforçando minha sensação de desconforto vida afora.

Logo, eu tinha uma premente necessidade de encontrar e de desempenhar meu papel nesse mundo, pois, se de um lado, a minha condição não me integrava ao brincar inofensivo da infância, por outro, também não me possibilitava compor o universo dos prazeres e dores do mundo adulto, me concedendo um lugar à parte, entre realidades que não me representavam e que me outorgavam duas constantes companhias: a solidão e o esforço de adequação do meu ser... O desejo de entender os porquês e montar o quebra-cabeça da minha existência, desvendando o lugar de cada peça, e de recuperar minha *espontaneidade* e *criatividade*⁴, a pergunta que nunca se calou: qual o meu lugar no mundo? Quais os laços e os espaços que me permitem Ser? Ou seja, necessitava, ardentemente, encontrar minha identidade⁵!

³ "As *redes sociométricas* são compostas por vários átomos sociais, nem sempre evidentes", sendo fenômenos que se podem observar objetivamente. São constituídas por variáveis subjetivas, como, por exemplo, "a *tele-sensibilidade* de cada um, as correntes de afeto que permeiam as inter-relações determinantes do átomo social" e, também, os papéis que cada um desempenha. (ALMEIDA, 1988, p.64).

⁴ À proposta de recuperação da *espontaneidade* e da *criatividade* – mediante o rompimento com padrões de comportamento estereotipados – Moreno chamou de *Revolução Criadora*. (ALMEIDA, 1988, p. 46)

⁵ Para Moreno (*apud* ALMEIDA, 1988, p. 60), "*identidade* não deve ser confundida com *identificação*. (...) *Identificação* supõe que haja um *eu* consolidado que busca a identidade com outro *eu* consolidado. A identificação só pode ter lugar quando a criança, tendo crescido, desenvolveu a capacidade de distinguir-se das outras pessoas. Daí relacionarmos a *identidade* com as fases mais remotas do desenvolvimento da criança."

2 O CONVITE DO PSICODRAMA PARA O DESENVOLVIMENTO DO MEU SER

E, de repente, quando a rotina de trabalho e do próprio viver asfixiava a minha alma, com demandas imediatistas e alucinadas, quando a dor e o sofrimento humanos esbarravam na minha ainda não admitida impotência, quando a minha alma se retorcia entre os limites da compreensão e a vastidão do desconhecido mais profundo, meu caminho parece ter culminado às portas de uma floresta fechada e povoada de segredos... E na entrada, o tentador convite para aquela travessia.

Meu espírito, demasiado aventureiro para recuar, aceitou o mergulho, demorando para situar-se naquela nova realidade, que a cada dia ia se caracterizando mais e mais como um mundo à parte... Desconforto, ansiedades, inquietações e curiosidades se sucederam... Momentos de claridade, quando a luz do sol do entendimento penetrava nas frestas das folhagens espessas, se intercalavam com a escuridão das noites frias, as quais me colocavam inevitavelmente diante das sombras da incerteza. O tempo foi passando e aos poucos os limites e as possibilidades foram se harmonizando, sendo possível chegar e olhar sem receios ao redor e perceber as florzinhas rasteiras, delicadas, mimosas, serenas, simplesmente sendo... E, a partir delas, reconhecer todos os outros seres e ter empatia por suas singularidades, postas em evidência pelos e nos papéis⁶ desempenhados, encontrando em suas lágrimas a autorização para chorar o meu pranto, em suas dores, o respeito por minhas cicatrizes e em seus passos a força para prosseguir em minha jornada de erros e acertos, quedas e reerguimentos, lutas, conquistas, decepções e avanços que caracterizam a trajetória do verdadeiro crescer e que, aos poucos, transforma o Ser, sem que ele se dê conta disso. Nessa etapa da minha vida, aflorou em mim a sensação de que a minha auto imagem e as relações que eu estabelecia comigo mesma haviam passado por transformações, consequentemente, meu átomo social sofreu alterações⁷, dado que o novo grupo ao qual pertencia passou a compor, de modo efetivo, não só a minha *rede sociométrica*, mas uma parte do meu “eu”.

Bem, o tempo continuou passando, e eu continuava atenta aos movimentos... Exposta às intempéries do percurso, ia me sentindo afetada pelos acontecimentos a minha

⁶ “(...) *papel* é a unidade de condutas inter-relacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social.” (ALMEIDA, 1988, p. 68).

⁷ “(...) a transformação da autoimagem, que cada um tem consigo mesmo, pode alterar o *átomo social* e vice-versa”. (ALMEIDA, 1988, p. 63)

volta... Algumas vezes me sentindo acuada, outras prisioneira, em alguns momentos como espectadora e em outros pronta para o desafio proposto... E, nessa caminhada floresta a dentro, a certa altura avistei um lago, na luminescência de uma clareira, naturalmente aberta, entre árvores robustas e generosas e, ao me aproximar de suas margens, vi refletida na superfície da água a minha própria imagem, me fazendo compreender que havia mergulhado dentro e não fora de mim... Constatei, quase que com surpresa, que eu estava adequando e ajustando a mim mesma, sendo espontânea⁸. E no mesmo instante, vi mãos estendidas se enlaçarem às minhas, me ajudando a descobrir a graça, o encanto e a força de seguir junto... Apoiando-nos reciprocamente... Deixando ecoar em nós os dramas alheios e aprendendo a pensar em voz alta sobre as nossas experiências, desempenhando nossos papéis no drama mundano, com espontaneidade, sensibilidade, tornando-nos pontes uns para os outros através da renovação das nossas relações afetivas, de maneira a possibilitar a transposição dos obstáculos do nossos caminhos e da assunção dos nossos lugares, para que respiremos em uma nova perspectiva de entendimento.

Nesta travessia, os dias viraram meses e os meses viraram anos e juntos vencemos pântanos e visitamos clareiras no seio da grande floresta, nos ferimos em alguns espinhos pontiagudos e nos curamos com o néctar de plantas sagradas...Debilitados, fomos colo uns para os outros, pois no ponto do caminho no qual nos encontrávamos, era impossível voltar... E, quando recuperados, celebramos, nos encontramos... E hoje, quase na reta de chegada, já se podendo avistar o horizonte, paramos e olhamos para trás... E nos surpreendemos, já que não existe mais floresta, mas um belo caminho, adornado de flores e cores, de montanhas e verdes campos, experienciado e esculpido nos recessos silenciosos da alma de cada um de nós e que, ante ao futuro, se abre em possibilidades infinitas do vir a ser... Mas, o curioso é refletir no que nos transformamos durante o percurso e de quais ferramentas nos apropriamos natural e imperceptivelmente... Alicerçando essa narrativa à visão de Moreno, este acredita que o homem, desde o início,

traz consigo fatores favoráveis a seu desenvolvimento, que não vêm acompanhados por tendências destrutivas. Entretanto, essas condições, que favorecem a vida e a criação, podem ser perturbadas por ambientes ou sistemas sociais constrangedores. Neste caso, resta a possibilidade de

⁸ Moreno tinha como proposta primordial a adequação e o ajustamento do homem a si mesmo, de modo que “*ser espontâneo* significa estar presente às situações, configuradas pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios” (*apud* ALMEIDA, 1988, p. 47).

recuperação dos fatores vitais, através das relações afetivas e da ação transformadora sobre o meio. (ALMEIDA, 1988, p. 45).

Destarte, nesse processo de recuperação de nós mesmos, conseguimos deixar muitos monstros para trás, porque aprendemos a olhar nos olhos dos nossos medos e, descobrindo a sua matriz, ressignificá-la com novas saídas. Quantas prisões, que nós mesmos forjamos, puderam ser dissolvidas, porque redescobrimos nosso direito e resgatamos nossa força de estar na vida... Quantas vezes pudemos ditar o ritmo da caminhada, respeitando o tempo do passo de cada um, para que o grupo todo pudesse avançar... Quantas vezes fomos espelhos⁹ uns dos outros, podendo nos olhar de fora e assim identificar dores ocultas e causas não compreendidas para os nossos desconfortos... E, neste exercício, nos habitamos, estivemos presentes, nos entregamos... Aprendemos a acolher, a concretizar a dor, a conceder voz aos sentidos que não a tem, a colorir paisagens desgastadas pelo tempo, transformando-as, lembrando-nos sempre da lição aprendida de que “difícilmente alguém pode promover mudanças no ambiente se age sozinho. Sempre pensamos e agimos em função de relações afetivas (...)” (ALMEIDA, 1988, p. 47).

Enfim, nessas relações, aprendemos a simplesmente ser... E, à medida que vamos descobrindo e nos apropriando desta filosofia de vida e compreendendo seu caráter libertador, naturalmente vamos nos tornando multiplicadores dos seus princípios, pois espontaneamente nos tornamos morada do desejo de partilhar, não apenas o vivido, mas a vida, as possibilidades de Encontro real, com tantas quantas criaturas cruzem nosso caminho, não só na dimensão afetiva, mas, no âmbito da Verdade de cada Ser, que, experienciando-se na vida, vai, aos poucos, identificando seu potencial de expressão.

Entretanto, transitar do papel de aprendiz para o lugar de psicodramatista¹⁰ consciente, cujo olhar transcende as ilusões do aparente, é uma travessia que carece de um batismo, que magicamente justaponha teoria e prática em um harmonioso arranjo de

⁹ De acordo com Moreno, há cinco etapas na formação da Matriz de Identidade, a qual ele, depois, resume em três: fase do *duplo* (que iremos abordar em outro momento), fase do *espelho* (que nos interessa neste momento) e fase de *inversão*. Na fase do *espelho*, “existem dois movimentos que se mesclam: o de concentrar a atenção em si mesma, esquecendo-se do outro, e o de concentrar a atenção no outro, ignorando a si mesma”. (ALMEIDA, 1988, p. 62).

¹⁰ “No teatro terapêutico e no Psicodrama, enquanto Psicoterapia, os papéis desempenhados, durante a *dramatização*, constituem *papéis psicodramáticos*, no sentido mais óbvio. Entretanto, Moreno pretendia que a ação dramática terapêutica levasse a algo mais do que a mera repetição de papéis, tais como são desempenhados no cotidiano. A *ação dramática* permite *insights* profundos, por parte do protagonista e do grupo, a respeito do *significado dos papéis* assumidos. Os *papéis psicodramáticos* evidentemente têm seus complementares na ação dos co-atores e do grupo, que assistem ao drama e nele se veem representados.” (ALMEIDA, 1988, p. 74).

contrastes: a sutileza assertiva da intuição e a força auto reguladora de um grupo, a aceitação da impotência no limite da ação possível e a confiança na eminência dos processos.

3 UMA VIVÊNCIA SOCIODRAMÁTICA¹¹

O tempo passou, as circunstâncias mudaram, novas experiências foram acrescentadas no meu repertório de vida, mas o tema capital da minha trajetória continua sendo o mesmo: Qual o meu lugar no mundo? Quais os laços e os espaços que me permitem ser?!

Neste momento, é válido reiterar reflexões de Moreno sobre o indivíduo e a identidade. Ele concebe aquele como um “ ‘ser em relação’, ou seja, numa relação dialógica, envolvido numa rede social. É no pertencimento aos grupos sociais que se dá o processo de constituição do sujeito, sua identidade” (MALAQUIAS, 2012, p. 19).

E, no processo de construção dessa identidade, é preciso conceder vida e voz a esta pergunta, caminhar em direção à dor de outras almas, que por razões diversas se sentem desalojadas como ‘eu’, dramatizar este tema no palco, munida das ferramentas psicodramáticas, seja, talvez, um caminho de cura profunda... Por isso aceitei o convite “moreniano”, um tipo de convocação que apela para a sensibilidade do próximo. Trata-se de um “convite para a vivência simultânea e ‘bi-empática’, enfim, télica. É apelo da *espontaneidade*.” (ALMEIDA, 1988, p. 52).

Lembro, como se fosse hoje, o agendamento das primeiras vivências e lembro também da admiração que sentia pelas pessoas que já, naquele momento, se sentiam prontas para assumirem os papéis de diretor e ego, respectivamente. Admiração porque eu, particularmente, me sentia tão distante e tão incapaz daquela estreia, que não conseguia nem cogitar aquela possibilidade, cuidando logo de deixar lá para o fim aquela experiência... Acalmava-me pensar que eu seria uma das últimas...

Acontece que o ano voou e, quando eu menos esperava, estava diante do desafio que eu tanto adiara... Depois de ter sido espectadora de tantos processos, tinha chegado a minha hora de subir no palco, literalmente, e ninguém poderia viver isso por mim...

“É impressionante a força que as coisas têm, quando elas precisam acontecer...”. Ouvi essa frase de um professor de Filosofia no segundo colegial, mas, talvez, eu só tenha entendido seu significado real na última semana, quando a data da minha vivência foi

¹¹ “O Sociodrama é um tipo especial de terapia onde o protagonista é sempre o grupo e as pessoas estão reunidas enquanto mantêm alguma tarefa ou objetivo comum(...)” (ALMEIDA, 1988p. 43).

marcada e, então, senti que involuntariamente meu mundo interno começou a busca por uma imagem e por um título que pudessem traduzir a profundidade do meu tema e o quanto ele falava de mim... e o quão real é a minha busca por um lugar ao sol...

Neste esforço de criação, recordei-me da lição de que o ato de criar possibilita a modificação de uma dada situação, produzindo alguma coisa nova a partir do que já é dado. (ALMEIDA, 1988, p.47). Desse modo, primeiro veio a imagem do planeta no universo e , em seguida, o título que se justapôs a ela, e já , neste pequeno passo, nesta primeira concretização, me emocionei e me surpreendi, falando de mim para comigo: “Nossa, que lindo!”



Cheguei à preparação da vivência com algumas vagas ideias e duas certezas: enfrentar o desafio do crescer e desenhá-lo de forma que eu pudesse vivê-lo com segurança e plenitude. E, num passe de mágica, as possibilidades emergiram e o roteiro estava pronto... Agora era só viver! Senti uma profunda paz durante toda a semana que antecedeu aquele “batismo” e, na madrugada de sexta para sábado, acordei às quinze para cinco da manhã... E quem disse que voltei a dormir! Canalizei toda a ansiedade que ainda não havia sentido...

Adentrei a Casa do Encontro por volta das oito horas da manhã em companhia de uma amiga, participante da vivência, que pediu para estar comigo desde cedo. Arrumamos a mesa do lanche, colocamos uma música ambiente e, então, comecei a me harmonizar

com o espaço e com a proposta de dirigir a vivência¹², reencontrando a paz, e, ao reencontrá-la, me habitei, me aqueci, me senti quase pronta... Faltava meu ego-auxiliar¹³, que chegou logo... Nos alinhamos, terminamos de organizar os últimos detalhes e fomos recepcionar o grupo. Antes, porém, encontramos a nossa terapeuta e, no abraço que compartilhamos, me senti inteira... Não sei definir bem o sentimento, mas talvez se assemelhasse à graça que o filho sente de seguir em paz e confiante seu caminho, depois de ter sido abençoado pelo afeto e consentimento maternos... Ou ao êxtase que o discípulo experimenta, quando o Mestre se sente representado na sua verdade de aprendiz... Sem dúvida era um sentimento de empatia que havia entre nós, e esse sentimento é definido por Moreno como a “captação, pela sensibilidade, dos sentimentos e emoções de alguém ou contidas, de alguma forma, em um objeto (...) É a tendência que o sujeito sente em si mesmo de se ‘adentrar’ no sentimento com o qual toma contato.” (ALMEIDA, 1988, p. 49).

Doze vagas abertas, 12 inscritos, 12 pessoas presentes com a verdade de cada ser. Começamos pelo lanche e, francamente, acho que não há aquecimento melhor! Ali as pessoas socializaram, interagiram em uma primeira aproximação. Em seguida, ocupamos nossos lugares. A nossa terapeuta apresentou o espaço, nos apresentou e, saindo, nos deixou nas vibrações amorosas da sua energia. Apresentei-me... Falei da minha formação, de como o psicodrama chegou na minha vida e da minha dificuldade visual, justificando os caminhos mais sonoros do que gestuais, os quais deveríamos percorrer naquela manhã. Depois, o ego-auxiliar também se apresentou, falando de si, de dentro, com a alma e também sobre a importância daquele momento para ela.

A título de apresentação do grupo, pedi para que as pessoas se olhassem, se reconhecessem umas as outras e formassem duplas espontaneamente. Concedemos alguns minutos para as trocas e posteriormente, pedimos para que uns apresentassem os outros... Ficamos ali, meu ego e eu, observando, e comentamos entre nós que o grupo já

¹² “*Diretor*: é o terapeuta que coordena a sessão. Tem três funções: *diretor* da cena propriamente dita, *terapeuta*, do protagonista e do grupo, e *analista social*. Como *diretor de cena* promove o *aquecimento*, aguça sua sensibilidade para procurar, juntamente com o protagonista e os egos-auxiliares, a melhor direção para a encenação do drama, mantendo o tele com o público. Como *terapeuta* com o protagonista e aos sentimentos, emoções e emoções e pensamentos que ocorrem na inter-relação” (ALMEIDA, 1988, p. 100).

¹³ “*Ego-auxiliar*: é o terapeuta que interage em cena com o protagonista. Também tem função tríplice: *ator*, *auxiliar do protagonista* (terapeuta) e *observador social*. Como *ator*, representa papéis, estando para isso habituado a utilizar seus *iniciadores* e colaborar na manutenção do aquecimento específico. É o terapeuta que mais diretamente facilita a *catarse*, na medida em que participa diretamente do clima emotivo; muitas vezes, sua habilidade no desempenho do *papel complementar* facilita também *insights* por parte do protagonista”. (ALMEIDA, 1988 p. 100).

parecia grupo desde aquela hora: um grupo falante, interativo e com baixa resistência. Após todos se apresentarem, pedi para que voltassem para si mesmos e perguntei: _ “Como o tema da vivência o/a afeta? Por que se sente convidado/a? O que traz você aqui hoje?” E cada um, a seu tempo, foi tomando a palavra, trazendo à tona suas dores e dilemas existenciais com sentimento, intensidade e emoção, já neste primeiro momento.

Ao terminarem de falar, iniciei o aquecimento inespecífico¹⁴: pedi para que se levantassem, caminhassem pelo espaço, ainda conectados com o tema. Pedi para que levassem a atenção no corpo, percebendo a respiração, os batimentos cardíacos... Pedi para que se atentassem às sensações, emoções, estado mental e que fossem buscando, cada qual no seu ritmo, um espaço e uma postura de aconchego no ambiente.

Colocamos uma música tranquila e fomos conduzindo o aquecimento, solicitando às pessoas que trouxessem à tela mental seus vínculos, suas relações e espaços de convívio, de forma a identificar, de um lado, quais lhes permitiam ser, autorizando o sentir, a expressão genuína da essência e, de outro, quais se configuravam de forma mais exigente e opressora. Também, pedimos-lhes que pensassem sobre os vínculos que os afastavam de suas identidades reais, orientando-os a colocar o foco nestes e procurando colocar no corpo o desconforto, a emoção.

Solicitamos um solilóquio¹⁵ e algumas das falas foram: _ “Estou sozinha, em um barranco, olhando para o nada, invisível...”; “Eu tento fazer coisas boas, mas me sinto invisível...”; “Estou sozinha, depressiva...”; “Estou aqui no canto, me deixa aqui, porque é aqui que quero ficar...”; “Me sinto oprimida, “ansiosa”. E, assim, ouvimos todos e depois pedimos uma palavra que pudesse sintetizar o estado interno de cada um. Então, emergiram as palavras: solidão, invisível, oprimida, estabelecendo de forma bastante evidente a sociometria¹⁶ do grupo. Pedimos o agrupamento espontâneo das pessoas a partir da consigna: _ Veja qual palavra o afeta... Quatro trios se formaram e esta simetria também me chamou a atenção... porque não se formaram duplas, trios, e quartetos?

¹⁴ Conforme Almeida (1988, p. 101), “A sessão de Psicodrama pode ser dividida em três etapas distintas: aquecimento, dramatização e compartilhar”. Neste momento, faz-se mister explicar a definição e os tipos de ‘aquecimento’. Trata-se do “momento em que se dá a escolha do protagonista e a preparação para a dramatização. Inicialmente, dá-se o *aquecimento inespecífico*, que pode ser verbal ou corporal e termina com o surgimento do protagonista, que poderá ser um indivíduo ou o próprio grupo. Em seguida há o *aquecimento específico*, ou seja, o aquecimento do protagonista, preparando-o para a ação dramática.”

¹⁵ O “*solilóquio*” é uma das técnicas verbais utilizadas para tornar expressáveis níveis mais profundos do ‘mundo interpessoal’ do protagonista.(...) No Psicodrama, o cliente a utiliza para ‘reproduzir sentimentos e pensamentos ocultos que teve realmente em uma situação com pessoa relacionada a ele na vida, ou agora, no momento da ação dramática.” (ALMEIDA, 1988, p. 90)

¹⁶ A *Sociometria* “tem por objetivo medir as relações entre as pessoas e seu método é o *teste sociométrico*, cuja aplicação criteriosa possibilita quantificar as relações estudadas” (Almeida, p. 42).

Outro fato curioso foi perceber as palavras que destoaram do campo semântico predominante: presença, gratidão, em mim..., e, naturalmente, essas pessoas que as pronunciaram estiveram distribuídas nos diferentes grupos, sendo figuras importantes, de estabilização e continência energética para a dor transbordante. Aliás, não seria eu, se não abordasse essa dimensão espiritual em algum ponto deste processamento... a sensação, como na vivência de uma colega, quando fui ego, era de uma grande proteção e contenção espiritual dos processos. Não uma contenção que inviabiliza, mas que mantém o equilíbrio do ambiente e os desdobramentos dentro de determinados limites não visíveis... Não sei muito explicar, mas senti todo o tempo a paz e a proteção, a serenidade e a confiança alinhando os processos de cada um, no potencial de acolhimento do próprio grupo, incrivelmente tético¹⁷.

Agrupadas, as pessoas conversaram sobre seus dramas, encontrando juntas uma representação para suas dores. O primeiro grupo a se apresentar concedeu voz a uma grande dor - a dor de não se sentir pertencente, de não ser adequada, a dor intensa da solidão, que, por defesa e medo de se machucar ainda mais, não permite a aproximação das pessoas... Uma dor que quando sentida ao extremo, torna-se insuportável, sugerindo a desistência da vida... Histórico de várias tentativas de suicídio... ao meu ver, uma protagonista em potencial.

Neste momento, faz-se necessário abrir um espaço para correlacionar a sensação de dor descrita acima ao conceito de catarse, tal como concebido por Moreno.

É a mobilização de afetos e emoções ocorrida na inter-relação, tética ou transferencial, de dois ou mais participantes de um grupo terapêutico, durante uma dramatização. Possibilita a um ou mais desses participantes a clarificação intelectual e afetiva das estruturas psíquicas que o(s) impedem de desenvolver seus papéis psicodramáticos e sociais, abrindo-lhe(s) novas possibilidades existenciais. (ALMEIDA, 1988, p. 81-82).

Na cena representada, essa participante que passou pelo processo catártico foi colocada dentro de um cercadinho construído com almofadas no palco e, no solilóquio,

¹⁷ “O fenômeno Tele é a empatia ocorrendo em duas direções”; “(...) compreender, penetrar (...); “(...) saber ver com os olhos de alguém (...)” (MORENO *apud* ALMEIDA, 1988, p. 49).

ela dizia que não via saída, que nada poderia ser feito para minimizar sua dor. Tendo em vista essa situação, meu ego-auxiliar fez um duplo¹⁸, porém o estado de dor não se diluiu. Então, sugerimos que pensasse em um vínculo de conforto e de acolhimento, ajudando a participante a reconhecer a presença e o apoio da amiga que está sempre junto dela... Sendo assim, aproximaram-se no palco e, se harmonizando, conseguiram descer...

Uma importante consideração faz-se oportuna neste lugar de dizer, uma vez que o exposto a *anterior* vai ao encontro das falas a seguir:

Moreno afirmou, certa vez, que, durante o solilóquio, o terapeuta psicodramatista pode agir como ‘mediador’ e, depois, como ‘analista’, isto é, colaborando para que a vivência da situação se torne mais clara e, através de seus comentários, facilitar ao cliente o redimensionamento psicológico do significado do seu solilóquio. (ALMEIDA, 1988, p. 90)

E, ainda, é possível destacar, na cena descrita, “a disposição e a convocação para a proximidade; a proposta de uma vivência plena de troca; o empenho na compreensão mútua, a confiança na receptividade do outro (...)” (ALMEIDA, 1988, p. 53-54).

Quanto às outras integrantes da cena, elas encontraram saídas para o estado inicial a partir de movimentos corporais.

O segundo trio sentou em círculo, uma integrante de frente para outra, inicialmente em uma postura ensimesmada, e, nos solilóquios, apareceram a solidão, a angústia, e sentimentos afins, dos quais não me recordo bem... Quando pedimos um movimento possível de reelaboração, deram-se as mãos, sentindo-se fortalecidas e apoiadas reciprocamente.

O terceiro e o quarto grupos desenvolveram cenas mais tranquilas, não sendo necessária a reformulação.

Ao final das encenações, um integrante sugeriu um abraço coletivo, e todos nos aconchegamos ao som de uma colega. Encerramos, no compartilhar¹⁹, em clima de esperança, descobrindo que não estamos sós nas dores que sentimos, nem tampouco nos desertos que atravessamos...

¹⁸ A *fase do duplo*, sob a análise de Moreno, é a fase em que o indivíduo precisa de outra pessoa que realize por ele aquilo que não é capaz de fazer por si próprio, “necessitando, portanto, de um *ego-auxiliar*”. (ALMEIDA, 1988, p.62).

¹⁹ “Moreno chama essa fase também de *participação terapêutica do grupo*. Nessa etapa, cada elemento do grupo pode expressar: em primeiro lugar: aquilo que o tocou e emocionou na dramatização, os sentimentos nele despertados e também sua própria vivência de conflitos semelhantes” (ALMEIDA, 1988, p. 102).

Após a vivência, muita dor de cabeça, falta de energia, cansaço e contraditoriamente, muita vontade de escrever, porque sinto que, escrevendo, me organizo por dentro. É quase meia noite, e é neste clima de dor, cansaço, intensidade e sensação de missão cumprida que escrevo essas derradeiras linhas...

4 OUTRAS REFLEXÕES

Vencidos os receios iniciais, os quais sempre povoam nosso imaginário às portas do desconhecido, após a vivência, a expectativa que fica é, certamente, a de poder replicar o vivido em outros espaços, contextos e agrupamentos dos quais fazemos parte, especialmente no âmbito profissional.

Pedagoga de formação, o complexo universo escolar sempre foi para mim esfera de crença e encantamento, possibilidade, encontro e valorização do humano. E, neste ponto, talvez caiba uma digressão autobiográfica, haja vista que minha escolha profissional começou a ser delineada, quando eu ainda vivenciava o papel de aluna e, a partir deste, era instigada a interagir de mil formas com a realidade a minha volta.

Aluna de uma escola construtivista, do pré II à antiga oitava série, convivi, cotidianamente, ao longo de onze anos, com a arte, o teatro, a música e a literatura, aprendendo a concebê-los como um caminho legítimo para a expressão das singularidades. Em um sentido, conhecendo hoje os postulados de Maria Alícia Romaña, acerca da Pedagogia Psicodramática, reconheço que talvez a proposta pedagógica poderia ter ido além, no que tange às dramatizações dos conteúdos em si, dinamizando ainda mais os processos de ensino-aprendizagem.

Entretanto, sendo outra não absolutamente divergente a diretriz daquele momento, reconheço, na prática apaixonada e lúcida dos professores que me constituíram como “ser pensante”, questionador da realidade vigente, o arar do solo do entendimento, viabilizando a minha identificação com o Psicodrama na atualidade.

(...) é sempre bom lembrar que técnica nenhuma, nem a mais sofisticada, faz o educador, já que nele o importante e fundamental continuará sendo sempre a sua concepção do homem e do seu destino, sua concepção tanto da sociedade dos nossos dias como daquela sociedade que, com sua ação, ele, iniludivelmente, de uma ou outra forma, constrói para o futuro. (ROMAÑA, 1987, p. 15)

Outro aspecto que precisa ser considerado é o fato de que possuo baixa visão, e este limite supostamente estabelecido nunca foi pretexto de patologização por parte dos educadores que mediarão a minha aprendizagem, sendo exemplo e inspiração para o meu desenvolvimento. Ao contrário disso, sempre estiveram atentos aos potenciais que coexistiam com a dificuldade: a oralidade, a memória, a facilidade de argumentar e de estabelecer relações entre conceitos, a facilidade de falar em público, a sensibilidade nas relações, sempre me harmonizando com as demandas do grupo, entre as quais havia espaço objetivo para a minha expressão como para cada educando.

As providências e decisões eram sempre muito dialogadas, sobretudo aquelas que estavam diretamente ligadas a alguma adaptação necessária para que eu pudesse participar da atividade ou contexto em questão: sempre me questionavam sobre a melhor forma de me ajudarem, sempre me perguntavam se eu precisava de ajuda naquele momento e me davam a liberdade de aceitar ou não, de acordo com a minha necessidade. O meu ser era constantemente estimulado e posto em movimento para aprender a dizer-se com liberdade, espontaneidade e criatividade e é nessa matriz educacional que a minha alma se nutre do desejo de difundir esta metodologia psicodramática, que hoje atribui forma a minha vivência e possibilidade.

Nos dizeres de Romaña, “O método educacional psicodramático propõe-se a ajudar o educador a alcançar nos seus alunos, em alguma medida, a integração entre o conhecimento adquirido e a experiência vivida, integração esta que, imaginamos, o educador procura atingir.” (1987, p. 15)

Neste sentido, talvez, a abertura Romaña, de se teorizar a partir do vivido seja a oportunidade para a efetiva transformação dos contextos escolares, os quais, a cada dia, parecem mais e mais destituídos de sentido, tanto no que tange à prática docente, nos diferentes níveis de ensino, quanto e principalmente no que diz respeito aos educandos, que precisam ressignificar sua relação com o conhecimento.

Logo, reitero meu posicionamento de que o Psicodrama Pedagógico em muito contribuiria - como um dos métodos de ensino a serem aplicados em todas as séries, em especial, às do Ensino Fundamental -, para o desenvolvimento social, cultural, cognitivo e emocional dos discentes, visto que a “aprendizagem vivencial passa a fazer parte da própria pessoa, de sua bagagem de experiências” (1987, p. 89), diferenciando-a da aprendizagem exclusivamente racional. Além disso,

- os registros ficam inseridos no seu esquema corporal, situacional e/ou espacial;
- na interação desenvolve papéis reais, que o ligam necessariamente a outras pessoas e fica por elas estimulado;
- na incorporação do conhecimento novo estabelece-se uma ponte, que o liga à sua experiência de vida, atribuindo a ela novas conotações de valor;
- permite a manifestação de áreas mais profundas da afetividade e sensibilidade. (ROMAÑA, 1987, p. 89).

Um dos métodos de aplicação do Psicodrama Pedagógico para a obtenção dos resultados supracitados, conforme Romaña (1987), seria através dos jogos dramáticos, os quais facilitam o fluxo da espontaneidade, sendo esta entendida pela educadora como uma “iniciativa ou energia que, uma vez manifestada, faz com que a interação não acabe, mas continue e se transforme, por exigência da própria natureza da interação.” (ROMAÑA, 1987, p. 87).

De acordo com a autora, a manifestação da espontaneidade pode se dar como uma “RESPOSTA ADEQUADA” para situações conhecidas, com “respostas conhecidas, desde que necessárias” e “para situações novas”, com “respostas novas ou inéditas” (1987, p. 88). Também pode manifestar-se como:

QUALIDADE DRAMÁTICA: Neste caso, a espontaneidade atua sobre a capacidade de desempenhar ações conhecidas, como se nunca antes tivessem sido feitas e só naquele momento viessem a ser desempenhadas. Eis a qualidade dramática, portanto, que nos permite revitalizar nossas próprias “rotinas”.

ORIGINALIDADE: É considerada a capacidade de desempenhar ações que outros também desempenham, mas com algum traço que a torne identificável, como sendo própria de uma certa pessoa.

CRIATIVIDADE: Parece-me a mais alta e elaborada forma de espontaneidade. Ela permite a organização inédita de circuitos de idéias ou de formas expressivas, que acabam tornando-se independentes de seu criador. (ROMAÑA, 1987, p. 88).

Segundo a autor, este princípio vasto e pujante da espontaneidade é uma das bases da prática, a qual tem sua realização possibilitada pelas próprias técnicas psicodramáticas, principalmente, a troca de papéis e o solilóquio.

Para ela, através da troca de papeis, ocorre uma aproximação da “perspectiva do ‘outro’, entrando no seu papel”, de modo a permitir que um indivíduo passe a enxergar as coisas como o outro vê e age como se fosse esse outro. (ROMAÑA, 1987, p. 89).

Já o solilóquio possibilita às pessoas o acesso a conhecimentos de aspectos mais afastados do “código social aceito por aquela cultura (familiar, escolar, institucional) e que estão interferindo no desempenho.” (ROMAÑA, 1987, p. 89).

Levando-se em consideração o posto, a pedagoga assevera que as ações desenvolvidas por meio dessas técnicas são capazes de fornecer o material essencial para que a aprendizagem vivencial aconteça, sendo tais ações chamadas de *dramatizações*, podendo ser estas: “- reprodutoras de situações reais, ou seja, que já aconteceram; - imaginadas, a partir de expectativas; - simbólicas, expressando idéias, sensações, sentimentos ou mesmo situações mais complexas.” (ROMAÑA, 1987, p. 89).

Enfim, pode-se dizer que o trabalho com Psicodrama Pedagógico seja particularmente indicado para o desenvolvimento de papéis de supervisores e de instrutores, como é o caso do educador, pois este é

aquele mestre, professor, assistente, orientador, instrutor, que, em qualquer tarefa educativa, procura conciliar a transmissão de conhecimentos sistemáticos – para uma melhor compreensão do mundo e das possibilidades e limitações do homem – com a necessidade de facilitar ao aluno o reconhecimento dessa sua realidade imediata e concreta, de modo que ele possa desenvolver tanto a sua compreensão crítica e ativa, como sua vontade criadora.

Por isso, posiciono-me tal qual Romaña (1987), quando esta afirma que a existência da *educação* só é possível porque “existem ações adequadas, criativas e autônomas, organizadas através da aquisição e aplicação de conhecimentos, mas também da interação com os outros e com o ambiente ou meio do qual faz parte o educando.” (ROMAÑA, 1987, p. 14 -15). Afinal, conforme perspectiva de Moreno, é na relação que os seres se constituem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, vale reiterar que a formação em Psicodrama preconiza, em primeira instância, um mergulho em si mesmo, bem como uma redefinição de conceitos, olhares e posturas diante da vida.

Sendo assim, o caminho formativo pelo qual trilhei – em que teorias se intercambiavam a vivências, emoções, sentimentos, cumplicidade, compartilhamento – possibilitou que eu alcançasse a minha meta até este momento, qual seja: a de encontrar meu(s) lugar(es) de pertencimento, meu(s) lugar(es) no mundo, os espaços que me fazem ser, ou seja, através dos instrumentos, conceitos, métodos, etapas do Psicodrama pude descobrir parte da minha identidade, que foi constituída nas relações com os meus dramas pessoais e com os outros, os dramas dos colegas, numa verdadeira rede, cujas tramas se enredam umas às outras, favorecendo que a cura se reverbere pelo coletivo que constituímos.

Cabe salientar que, se, em um primeiro momento, meu olhar para o Psicodrama era o de estranhamento, de curiosidade e de ajuste do meu ‘ser’ à proposta, ao assumir, no final do processo, a direção de uma vivência sociodramática, apropriei-me da filosofia

psicodramática bem como de seus conceitos e contribuições, passando a ajustá-la ao meu universo, o qual inclui o âmbito pessoal e profissional, de modo a descortinar possibilidades autênticas e autônomas de intervenção na realidade que me circunda.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. C.; GONÇALVES, C S.; WOLFF, J. R. **Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.

MALAQUIAS, M.C. Teoria dos grupos e sociatri. In: NERY, M.P.; CONCEIÇÃO, M.I.G. (orgs). **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012.

ROMAÑA, Maria Alicia. **Psicodrama pedagógico**. 2. ed. Campinas: Papiro, 1987.